

JAMES JOYCE

Um retrato do artista
quando jovem

Tradução, notas e cronologia de
CAETANO W. GALINDO

Prefácio de
KARL OVE KNAUSGÅRD



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright da tradução e notas © 2016 by Caetano W. Galindo
Copyright do prefácio © 2016 by Karl Ove Knausgård
Todos os direitos reservados

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with
Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL

A Portrait of the Artist as a Young Man

PREPARAÇÃO

Livia Lima

REVISÃO

Huendel Viana

Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Joyce, James, 1882-1941.

Um retrato do artista quando jovem / James Joyce; tradução, notas e cronologia de Caetano W. Galindo ; prefácio de Karl Ove Knausgård. — 1ª ed. — São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2016.

Título original: *A Portrait of the Artist as a Young Man*.

ISBN 978-85-8285-038-1

1. Ficção irlandesa 1. Knausgård, Karl Ove. II. Título.

16-04790

CDD-ir823.9

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura irlandesa ir823.9

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.penguincompanhia.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

www.companhiadasletras.com.br

Sumário

Nota do tradutor	7
Prefácio — <i>O longo caminho de volta</i> , Karl Ove Knausgård	9
UM RETRATO DO ARTISTA QUANDO JOVEM	15
<i>Cronologia</i>	311
<i>Outras leituras</i>	317

Um retrato do artista
quando jovem

I

Era uma vez, e foi muito bom dessa vez que a vaquinha mu-mu veio descendo a rua e não é que essa vaquinha mu-mu que vinha descendo a rua me encontra um menino bem fofo chamado Pitoco...

O pai dele contava essa história: o pai olhava para ele por trás de um vidro: tinha a cara cabeluda.

Era ele o Pitoco. A vaquinha mu-mu descia a rua onde a Betty Byrne morava: ela vendia bala de limão.

*Ah, floresce a rosa livre,
No cantinho verdejante.*

Ele cantava essa música. Era a música dele.

Ah, folesce a losajante...

Quando você molha a cama, primeiro é morno, depois fica frio. A mãe dele colocava o oleado. Que tinha o cheiro esquisito.

A mãe dele tinha um cheiro melhor do que o pai. Ela tocava no piano a musiquinha do marinheiro* pra ele dançar. Ele dançava.

* “The Sailor’s Hornpipe”, a mesma melodia que encerrava os desenhos de Popeye. (Esta e as demais notas de rodapé são do tradutor.)

*Tralalá lalá
Tralalá larilá
Tralalá lalá
Trala lalalá.*

O tio Charles e a Dante* batiam palma. Eles eram mais velhos que o pai e a mãe dele, mas o tio Charles era mais velho que a Dante.

A Dante tinha duas escovas na cômoda. A escova com o veludo castanho na parte de trás era para o Michael Davitt e a escova com o veludo verde era para o Parnell.** A Dante dava uma balinha toda vez que ele ia buscar um lenço de papel pra ela.

Os Vance moravam no número 7. Eles tinham outro pai e outra mãe. Eram o pai e a mãe da Eileen. Quando eles crescessem, ele ia casar com a Eileen. Ele se escondeu embaixo da mesa. A mãe dele disse:

— Ah, o Stephen vai pedir perdão.

A Dante disse:

— Se não pedir, a águia vem e come a mão dele.

*Comer a mão
Pedir perdão
Pedir perdão
Comer a mão*

*Pedir perdão
Comer a mão
Comer a mão
Pedir perdão.*

* Provavelmente uma corruptela de *auntie* (“titia”). A sra. O’Riordan também será lembrada por Bloom, em *Ulysses*.

** Michael Davitt (1846-1906) e Charles Stewart Parnell (1846-91) foram dois importantes líderes políticos irlandeses. Depois da revelação de que Parnell tinha um caso com uma mulher casada, ele caiu em desgraça.

O vasto gramado estava abarrotado de meninos. Todos gritavam e os bedéis os incitavam com fortes berros. O ar da tarde era pálido e gélido, e depois de cada lance e de cada batida da bola o gorduroso globo de couro voava como um pássaro pesado em meio à luz cinzenta. Ele ficava pelos cantos da sua linha,* longe dos olhos do bedel, longe do alcance dos pés grosseiros, fingindo correr de vez em quando. Sentia o corpo pouco e fraco entre a turba dos jogadores e seus olhos eram fracos e cheios d'água. Rody Kickham não era assim: ele ia ser capitão da terceira linha, todo mundo ali dizia.

Rody Kickham era um sujeito decente, mas o Malvado do Roche era um canalha. Rody Kickham tinha caneleiras no armário e uma caixinha no refeitório.** O Malvado tinha mãos grandes. Ele chamava a sobremesa de sexta-feira de cachorro-enroladinho. E um dia tinha perguntado:

— Como que é o seu nome?

Stephen tinha respondido:

— Stephen Dedalus.

Aí o Malvado do Roche tinha dito:

— E isso lá é nome?

E quando Stephen não soube responder o Malvado perguntou:

— O seu pai é o quê?

Stephen respondeu:

— Um cavalheiro.

Aí o Roche perguntou:

— Ele é magistrado?

Ele se arrastava de um ponto a outro pelos cantos da li-

*A organização dos alunos em Clongowes: *terceira linha* (alunos com menos de treze anos), dividida em “elementar” e “terceira de gramática”; *linha inferior* (de treze a quinze anos), dividida em “segunda e primeira de gramática”; *linha superior* (de quinze a dezoito anos), “dividida em poesia e retórica”.

** Para guardar os alimentos que a família lhe enviava.

nha, dando umas corridinhas de vez em quando. Mas estava com as mãos roxas de frio. Deixava as mãos nos bolsos laterais do terno cinza de cinta. Que era uma cinta em volta dos bolsos. E cinta era também dar de cinta em alguém. Um dia um dos meninos tinha dito para o Cantwell:

— Eu te pegava na cinta já-já.

Cantwell tinha respondido:

— Vai pegar alguém do seu tamanho. Pega o Cecil Thunder na cinta. Aí que eu queria ver. Ele é que te metia um bico na bunda.

Falar assim não era bonito. A mãe dele tinha dito para ele não falar com os meninos mal-educados do colégio. Que mãe boazinha! No primeiro dia no saguão do castelo, quando disse tchau, ela ergueu o véu dobrado até o nariz para lhe dar um beijo: e o nariz e os olhos dela estavam vermelhos. Mas ele fingiu que não viu que ela ia chorar. Era uma mãe boazinha, mas não era tão bom quando ela chorava. E o pai tinha dado duas moedas de cinco xelins para ele ter trocado. E o pai tinha dito que se quisesse qualquer coisa era só escrever para ele lá em casa e que, acima de tudo, era para ele nunca dedurar um colega. Aí na porta do castelo o reitor tinha apertado a mão do pai e da mãe dele, com a batina batendo ao vento, e o coche tinha ido embora com o pai e a mãe dele. Eles tinham gritado para ele lá de dentro, acenando com a mão:

— Tchau, Stephen, tchau!

— Tchau, Stephen, tchau!

Ele se viu bem no meio de uma disputa de bola* e, com medo dos olhos que lampejavam e das botas enlameadas, se abaixou para enxergar por entre as pernas. Os colegas estavam lutando e gemendo e as pernas deles se esfregavam e chutavam e batiam o chão. Aí as botas amarelas de Jack Lawton tiraram a bola dali e todas as outras botas e per-

* Eles estão jogando futebol irlandês, mais parecido com o rúgbi do que com o nosso futebol.

nas correram atrás. Ele correu atrás deles um pouco e aí parou. Era inútil continuar a corrida. Logo eles iam voltar de férias para casa. Depois do jantar na sala de estudos ele ia trocar o número grudado dentro da tampa da escrivaninha de vinte e sete para vinte e seis.

Ia ser melhor ficar na sala de estudos que aqui fora no frio. O céu estava pálido e frio mas tinha luz no castelo. Ele imaginava de qual janela Hamilton Rowan* tinha jogado o chapéu no gramado e se naquela época tinha canteiros de flores embaixo da janela. Um dia, quando ele tinha sido convocado ao castelo, o mordomo lhe mostrou as marcas do chumbo dos soldados na madeira da porta e lhe deu um dos biscoitos que os padres comiam. Era gostoso e quentinho ver as luzes do castelo. Parecia coisa de livro. Talvez a abadia de Leicester fosse assim. E tinha umas frases bonitas na Cartilha do dr. Cornwell. Parecia poesia, mas eram só frases para aprender a escrever.

*Wolsey falece na igreja de Leicester
Onde o inumaram abades.
Cancro é uma doença de plantas,
Câncer, de animais.*

Ia ser gostoso ficar deitado no tapete na frente da lareira, com a cabeça apoiada nas mãos, e pensar nessas frases. Ele estremeceu como se tivesse água fria e nojenta na pele. Foi maldade do Wells dar um encontrão nele pra ele cair na vala do pátio só porque ele não quis trocar a caixinha de rapé pela castanha da sorte do Wells, vencedora de quarenta batalhas.** Como estava fria e nojenta aquela água! Uma vez um colega viu uma ratazana pular naquele nojo.

* Archibald Hamilton Rowan (1751-1834), líder republicano. A história tem certo fundo de verdade.

** A “batalha” consistia em bater duas castanhas penduradas por um barbante até uma delas quebrar.

A mãe estava sentada perto do fogo com a Dante esperando a Brigid trazer o chá. Ela estava com os pés na grade da lareira e os chinelinhos com joias que ela usava eram tão quentes e tinham um cheirinho morno tão gostoso! A Dante sabia um monte de coisas. Ela tinha lhe ensinado onde ficava o canal de Moçambique e qual era o rio mais longo da América e qual o nome da montanha mais alta da lua. O padre Arnall sabia mais que a Dante porque era da igreja, mas tanto o pai dele quanto o tio Charles diziam que a Dante era uma mulher sabida e muito lida. E quando a Dante fazia aquele barulho depois do jantar e aí tapava a boca com a mão: aquilo era azia.

Uma voz gritou longe no gramado:

— Todos para dentro!

Aí outras vozes gritaram na linha inferior e na terceira:

— Todos para dentro! Todos para dentro!

Os jogadores se reuniram todos, corados e cheios de lama, e ele seguiu entre eles, feliz por entrar. Rody Kickham segurava a bola pelo laço gorduroso. Um dos meninos lhe pediu para dar um último chute: mas ele foi adiante sem nem responder ao menino. Foi o Simon Moonan que disse que não, porque o bedel estava olhando. O colega se virou para o Simon Moonan e falou:

— Todo mundo aqui sabe por que você está falando. Você é puxa do McGlade.

Puxa era uma palavra esquisita. O menino chamou o Simon Moonan disso porque o Simon Moonan ficava amarrando as mangas falsas do bedel pelas costas dele e o bedel fingia que estava bravo. Mas o som era feio. Uma vez ele lavou as mãos no toalete do Wicklow Hotel e o pai dele tirou o tampão pela correntinha depois e a água suja desceu pelo buraco da pia. E quando tinha descido tudo bem devagar, o buraco da pia fez um barulho que nem aquele: PUCH. Só que bem alto.

Lembrar isso e a aparência branca do toalete o fez se sentir gelado e aí quente. Tinha duas borboletas que você

girava e aí a água saía: fria e quente. Ele se sentiu frio e aí um pouquinho quente: e podia ver os nomes impressos nas borboletas. O que era uma coisa bem esquisita.

E o ar do corredor também o deixava com frio. Era esquisito e meio úmido. Mas logo iam acender o gás e o barulho do gás queimando era que nem uma musiquinha. Sempre a mesma: e quando os colegas paravam de conversar na sala de jogos dava para ouvir.

Era hora das contas. O padre Arnall escreveu uma conta difícil na lousa e aí disse:

— E agora, quem vai vencer? Ao trabalho, York! Ao trabalho, Lancaster!*

Stephen fez o que pôde, mas a conta era difícil demais e ele se perdeu. A fitinha de seda com a rosa branca, presa por um alfinete na lapela do seu paletó, começou a tremer. Ele não era bom de conta, mas fazia o que podia para York não perder. O rosto do padre Arnall estava fechadíssimo, mas ele não estava fulo: estava rindo. Aí Jack Lawton estalou os dedos e o padre Arnall deu uma olhada no caderno dele e disse:

— Correto. Bravo, Lancaster! A rosa vermelha é a vencedora. Vamos lá, York! Força!

Jack Lawton deu uma espiada neles. A fitinha de seda com a rosa vermelha parecia bem viva porque ele estava com um casaco azul de marinheiro. Stephen sentiu o rosto ficar vermelho também, pensando em todas as apostas de quem ia ficar em primeiro lugar no elementar, Jack Lawton ou ele. Em umas semanas o Jack Lawton ganhava o cartão de primeiro lugar e em umas semanas ele ganhava o cartão de primeiro lugar. Sua fitinha de seda branca tremulava mais e mais enquanto ele lidava com a conta seguinte e ouvia a voz do padre Arnall. Aí toda a

* As classes eram divididas em “Casa de York” e “Casa de Lancaster”, para estimular a competitividade da Guerra das Rosas (1455-85).

concentração foi embora e ele sentiu o rosto bem gelado. Pensou que o rosto devia estar branco de tanto que estava gelado. Ele não conseguiu chegar no resultado da conta, mas não fazia diferença. Rosas brancas e rosas vermelhas: eram umas cores lindas de se pensar. E os cartões para o primeiro e o segundo e o terceiro lugar tinham cores lindas também: cor-de-rosa e creme e lavanda. Rosas lavanda e creme e cor-de-rosa eram lindas de se pensar. Talvez uma rosa selvagem pudesse ser dessas cores e ele lembrou a música da rosa livre no cantinho verdejante. Mas não dava para ter uma rosa verde. Porém talvez em algum lugar do mundo desse.

O sino tocou, e aí as turmas começaram a sair das salas de aula para percorrer os corredores rumo ao refeitório. Ele ficou sentado olhando as duas marcas de manteiga no prato, mas não conseguiu comer o pão úmido. A toalha da mesa estava úmida e frouxa. Mas ele bebeu o chá fraco e quente que a servente desajeitada, envolta num avental branco, pôs em sua xícara. Ficou pensando se o avental da servente também estava úmido ou se todas as coisas brancas eram frias e úmidas. O Malvado do Roche e o Saurin bebiam chocolate que a família deles mandava numas latinhas. Eles diziam que não conseguiam beber chá; que aquilo era lavagem. Os pais deles eram magistrados, os outros diziam.

Para ele, todos os meninos pareciam muito estranhos. Todos eles tinham pais e mães e roupas e vozes diferentes. Ele queria estar em casa e deitar com a cabeça no colo da mãe. Mas não podia: por isso torcia para que as horas livres e de estudos e de orações acabassem para ele estar na cama.

Bebeu outra xícara de chá quente e Fleming disse:

— O que é que você tem? Você está com dor ou alguma coisa?

— Não sei — Stephen disse.

— Ruim da barriga — Fleming disse —, porque você está com uma cara branca. Vai passar.

— Vai sim — Stephen disse.

Mas não era ali a dor. Ele achou que o que doía era o coração, se é que o coração pode doer. Fleming foi muito simpático de perguntar. Ele queria chorar. Apoiou os cotovelos na mesa e ficou abrindo e fechando a tampinha da orelha. Aí ele ouvia o barulho do refeitório toda vez que abria a tampinha da orelha. Era um estrondo que nem um trem no meio da noite. E quando ele fechava a tampinha o estrondo era interrompido que nem um trem que entra num túnel. Naquela noite em Dalkey o trem ia fazendo um estrondo desses e aí, quando entrava no túnel, o estrondo parava. Ele fechou os olhos e o trem foi seguindo, estrondo e silêncio; estrondo de novo, silêncio. Era gostoso ouvir o estrondo e o silêncio e aí o estrondo saindo de novo do túnel e aí silêncio.

Aí os colegas da linha superior começaram a vir pelo tapete no meio do refeitório, Paddy Rath e Jimmy Magee e o Espanhol que eles deixavam fumar charuto e o Portuguesinho que usava aquele gorro de lã. E aí as mesas da linha inferior e as mesas da terceira linha. E cada um daqueles colegas tinha um jeito diferente de andar.

Ele ficou sentado num canto da sala de jogos fingindo que estava acompanhando uma partida de dominó e uma ou duas vezes pôde ouvir por um instante a musiquinha do gás. O bedel estava à porta com uns meninos e o Simon Moonan estava atando as mangas falsas dele. Ele estava lhes dizendo alguma coisa de Tullabeg.

Aí ele se afastou da porta e Wells foi até Stephen e disse:

— Diga, Dedalus, você beija a sua mãe antes de ir dormir?

Stephen respondeu.

— Beijo sim.

Wells se virou para os outros colegas e disse:

— Olha só, tem um sujeitinho aqui que diz que beija a mãe toda noite antes de ir dormir.

Os outros colegas pararam a partida e se viraram, rindo. Stephen enrubesceu diante dos olhos deles e disse:

— Não beijo não.

Wells disse:

— Olha só, tem um sujeitinho aqui que diz que não beija a mãe antes de ir dormir.

Eles todos riram de novo. Stephen tentou rir com eles. Sentia o corpo inteiro quente e perdido ao mesmo tempo. Qual era a resposta certa para aquela pergunta? Ele tinha dado duas e Wells ainda estava rindo. Mas o Wells devia saber a resposta certa, já que ele era da terceira de gramática. Ele tentou pensar na mãe do Wells, mas não tinha coragem de erguer os olhos para o rosto dele. Ele não gostava da cara do Wells. Foi o Wells quem deu um encontrão nele para ele cair na vala do pátio no dia anterior só porque ele não quis trocar a caixinha de rapé pela castanha da sorte do Wells, vencedora de quarenta batalhas. Foi uma coisa muito feia; todos os alunos disseram que foi mesmo. E como estava fria e nojenta aquela água! Uma vez um colega viu uma ratazana pular naquele nojo.

A gosma fria da vala cobriu-lhe o corpo todo; e, quando o sino tocou para a hora de estudar e as linhas foram saindo das salas de jogos, ele sentiu o ar gelado do corredor e da escadaria por dentro das roupas. Ainda tentava pensar em qual seria a resposta certa. O certo era beijar a mãe ou não beijar a mãe? O que um beijo significava? Você ergue o rosto desse jeito assim para dizer boa-noite e aí a mãe dele baixava o rosto. Era isso, um beijo. A mãe punha a boca na bochecha dele; a boca era macia e deixava a bochecha molhada; e fazia um barulhinho: beijo. Por que será que as pessoas faziam aquilo com o rosto?

Sentado na sala de estudos ele abriu a tampa da escrivaninha e trocou o número grudado ali dentro de vinte e sete para vinte e seis. Mas as férias de Natal estavam bem longe: mas uma hora elas iam chegar porque a Terra seguia sempre girando.

Tinha um desenho da Terra na primeira página da cartilha de geografia dele: uma bola enorme em meio às nuvens.

O Fleming tinha uma caixa de giz de cera, e um dia na hora de estudar ele pintou a Terra de verde e as nuvens num tom castanho. Era que nem as duas escovas na cômoda da Dante, a escova com o veludo verde na parte de trás para o Parnell e a escova com o veludo castanho na parte de trás para o Michael Davitt. Mas ele não tinha dito para o Fleming pintar daquelas cores. Foi o Fleming que fez sozinho.

Abriu a cartilha de geografia para fazer a lição; só que não conseguia decorar os nomes dos lugares da América. Além do mais, eram todos lugares diferentes e com nomes diferentes. Ficavam todos em países diferentes e os países ficavam em continentes e os continentes ficavam no mundo e o mundo ficava no universo.

Ele virou a folha de rosto da cartilha de geografia e leu o que tinha escrito ali: ele, seu nome e seu lugar.

*Stephen Dedalus
Turma Elementar
Clongowes Wood College
Sallins
Condado Kildare
Irlanda
Europa
Mundo
Universo*

Isso estava com a letra dele: e um dia Fleming tinha escrito de brincadeira na página da frente:

*Stephen Dedalus, meu nome,
Tenho a Irlanda por nação.
Moro agora aqui na escola
Esperando a Salvação.*

Ele leu os versinhos de trás para a frente, mas aí já não era mais poesia. Então ele leu a folha de rosto de baixo

para cima até chegar ao próprio nome. Era ele: e leu de novo até o fim. O que é que vinha depois do universo?

Nada. Mas será que tinha alguma coisa em volta do universo para mostrar onde acabava e onde começava o lugar do nada? Não podia ser um muro; mas podia ter um traço bem fininho ali em volta de tudo. Era uma coisa bem grande pensar em todas as coisas e em todos os lugares. Só Deus conseguia. Ele tentou pensar em como ia ser grande esse pensamento; mas só conseguiu pensar em Deus. Deus era o nome de Deus que nem o nome dele era Stephen. *Dieu* era Deus em francês e era o nome de Deus também; e quando alguém rezava para Deus e dizia *Dieu*, aí Deus já ficava sabendo que era um francês que estava rezando. Mas, apesar de Deus ter nomes diferentes em todas as línguas diferentes do mundo e de Deus entender o que todo mundo que rezava dizia nas línguas diferentes, ainda assim Deus continuava sempre o mesmo Deus e o verdadeiro nome de Deus era Deus.

Ele se cansou demais por ter pensado essas coisas. Parecia que a cabeça dele estava enorme. Virou a folha de rosto e ficou olhando exausto para a Terra verde e redonda em meio às nuvens castanhas. Ficou pensando o que estava certo, torcer pelo verde ou pelo castanho, porque a Dante tinha arrancado o veludo verde da parte de trás da escova que era para o Parnell um dia com a tesoura e tinha dito que Parnell era um homem mau. Ele ficou pensando se eles estavam discutindo em casa por causa daquilo. O nome daquilo era política. Tinha dois lados: a Dante estava de um lado e o pai dele e o sr. Casey estavam do outro, mas a mãe dele e o tio Charles não tinham lado. Todo dia tinha alguma coisa no jornal sobre aquilo.

Ele sofria por não saber direito o que significava a política e por não saber onde o universo acabava. Estava se sentindo pequeno e fraco. Quando é que ele seria como os alunos maiores da poesia e da retórica? Eles tinham uma voz grandona e botas grandonas e estudavam trigonome-

tria. Isso estava muito longe. Primeiro vinham as férias e aí o segundo semestre e aí férias de novo e aí de novo outro semestre e aí de novo as férias. Era que nem um trem que entrava e saía dos túneis, e isso era que nem o barulho dos meninos comendo no refeitório quando você abria e fechava a tampinha da orelha. Semestre, férias; túnel, sai; barulho, para. Como estava longe! Melhor ir para a cama dormir. Só as orações na capela e aí cama. Ele estremeceu e bocejou. Ia ficar bem gostoso na cama depois que os lençóis esquentassem um pouco. Primeiro era frio de entrar. Ele estremeceu de pensar como era frio no começo. Mas aí os lençóis esquentavam e ele conseguia dormir. Era gostoso estar cansado. Ele bocejou de novo. Orações noturnas e aí cama: estremeceu e quis bocejar. Daqui a pouquinho ia ficar gostoso. Sentiu um ardor morno que subia dos lençóis gelados que estremeciam, cada vez mais quentes até ele sentir por todo lugar aquele calor, tão quentinho, e mesmo assim ele estremeceu um pouco e ainda quis bocejar.

O sino para as orações tocou e ele saiu da sala de estudos depois dos outros e desceu a escadaria e percorreu o corredor rumo à capela. Os corredores eram mal iluminados e a capela era mal iluminada. Logo ia tudo ficar no escuro, dormindo. O ar frio da noite estava na capela e os mármoreis eram da cor do mar à noite. O mar era frio noite e dia: mas era mais frio à noite. Era frio e escuro embaixo do muro de contenção ao lado da casa do pai dele. Mas a chaleira ia estar no fogo para fazer ponche.

O bedel da capela rezava por cima da cabeça dele e sua memória sabia o responsório:

*Senhor, abri nossos lábios
A fim de que nossa boca anuncie vossos louvores.
Sede em nosso favor, Deus!
Senhor livrai-nos do inimigo!*

Tinha um cheiro noturno e gelado na capela. Mas era

um cheiro santo. Não era que nem o cheiro dos campone-
ses velhinhos que ficavam ajoelhados nos fundos da capela
na missa de domingo. Aquilo era cheiro de ar e de chuva
e de turfa e de veludo cotelê. Mas eram uns camponeses
muito santos. Respiravam ali atrás no pescoço dele e sus-
piravam ao rezar. Moravam em Clane, um colega disse:
tinha uns casebres ali e ele tinha visto uma mulher para-
da atrás da meia-porta de um casebre com uma criança
no colo enquanto os carros passavam vindo de Sallins. Ia
ser gostoso dormir uma noite naquele casebre na frente do
fogo da turfa fumacenta, no escuro iluminado pelo fogo,
escuro quente, sentindo o cheiro dos camponeses, ar e chu-
va e turfa e tecido grosso. Mas ah, como era escura a es-
trada ali entre as árvores! Você ia se perder no escuro. Ele
ficou com medo de pensar naquilo.

Ouviu a voz do bedel da capela dizer a última oração.
Ele rezou também para se defender do escuro lá fora em-
baixo das árvores.

*Visitai, Senhor, esta morada e afastai dela as ciladas do
inimigo. Habitam nela os vossos santos anjos e nos guar-
dem em paz; e que a Vossa bênção esteja sempre conos-
co, por nosso senhor Jesus Cristo. Amém.**

Os dedos dele tremiam enquanto ele tirava a roupa no
dormitório. Disse para os dedos se apressarem. Tinha que
tirar a roupa e aí ajoelhar e fazer as suas próprias orações
e estar na cama antes de baixarem o gás senão podia aca-
bar no inferno quando morresse. Tirou as meias e vestiu
a camisola rapidinho e ajoelhou trêmulo ao pé da cama e
repetiu rápido as orações, com medo que o gás baixasse.
Sentia os ombros tremendo enquanto murmurava:

* Esta oração vinha nas completas, que são as últimas orações
do dia. Isso quer dizer que provavelmente os garotos rezavam
uma versão simplificada da liturgia das horas.

*Abençoai, Senhor, meu pai e minha mãe e guardai-os
[para mim!*

*Abençoai, Senhor, meus irmãos e irmãs menores e
[poupai-os para mim!*

*Abençoai, Senhor, a Dante e o tio Charles e poupai-os
[para mim!*

Ele se benzeu e subiu rápido na cama e, enrolando os pés com a borda da camisola, se enroscou no próprio corpo sob os frios lençóis brancos, agitado e trêmulo. Mas não ia acabar no inferno quando morresse; e o tremor ia passar. Uma voz deu boa-noite aos meninos do dormitório. Ele espiou um instante por cima das cobertas e viu o cortinado amarelo que contornava e fechava sua cama de todos os lados. A luz baixou quieta.

Os sapatos do bedel se afastaram. Para onde? Descendo a escadaria e corredores abaixo ou até o quarto dele lá no fim? Ele via o escuro. Será que era verdade aquilo do cachorro preto que à noite andava por ali com uns olhos feito lanternas de carruagem? Diziam que era o fantasma de um assassino. Um longo estremecimento de medo percorreu-lhe o corpo. Viu a entrada escura do castelo. Antigos criados com vestes antigas estavam na armaria do andar de cima. Muito tempo atrás. Os antigos criados estavam em silêncio. Tinha um fogo aceso ali, mas o salão ainda estava escuro. Uma figura subia a escada, vinda do salão. Usava a capa branca de um marechal; tinha um rosto pálido e estranho; mantinha a mão apertando o lado do torso. Olhou com seus olhos estranhos para os antigos criados. Eles olharam para ele e viram o rosto de seu senhor e sua capa e souberam que ele recebera um ferimento fatal. Mas só o escuro estava ali onde olharam: apenas o escuro ar silencioso. Seu senhor recebera o ferimento fatal no campo da Batalha de Praga em longes terras de ultramar. Estava sentado no campo; a

mão apertando o lado do torso; seu rosto era pálido e estranho e ele envergava a capa branca de marechal.*

Nossa, como era frio e estranho pensar essas coisas! O escuro todo era frio e estranho. Havia rostos pálidos e estranhos ali, olhos grandes feito lanternas de carruagem. Eram fantasmas de assassinos, figuras de marechais que receberam ferimentos fatais em campos de batalha em longes terras de ultramar. O que será que eles queriam dizer, com aqueles rostos tão estranhos?

Visitai, Senhor, esta morada e afastai dela...

Ir para casa nas férias! Ia ser gostoso: os outros tinham dito para ele. Entrar nos carros bem cedinho numa manhã de inverno na frente da porta do castelo. Os coches rodavam no cascalho. Viva o reitor!

Viva! Viva! Viva!

Os carros passavam pela capela e todos erguiam os bonés. Eles iam felizes passando pelas estradinhas de terra. Os cocheiros apontavam com o chicote a paróquia de Bodenstown. Os outros davam vivas. Eles passavam pela casa da fazenda do Fazendeiro Feliz.** Vivavivasvivas. Atravessavam Clane, dando e recebendo vivas. As camponezas paradas atrás das meias-portas, os homens parados aqui e ali. O cheiro gostoso que pairava no ar de inverno: cheiro de Clane: chuva e ar de inverno e turfa fumegando e tecido grosso.

O trem estava cheio de colegas: um trem bem comprido, todo de chocolate com enfeites creme. Os condutores iam e vinham abrindo, fechando, trancando, destrancando

* Contava-se essa história de Maximilian Ulysses (1705-57), conde Von Browne, cuja família tinha sido dona da região de Clongowes.

** Título de uma peça do *Álbum para a juventude*, de Robert Schumann.

portas. Eram homens de azul-marinho e prata; tinham apitos prateados e suas chaves produziam uma música ligeira: clique, clique: clique, clique.

E o trem corria por terras planas passando pelo Hill of Allen. Os postes do telegrafo iam passando, passando. O trem seguia o tempo todo. O trem sabia. Havia lanternas na entrada da casa do pai dele, e ramos verdes entrelaçados. Havia hera e azevinho em volta do tremó e azevinho e hera, verde e vermelho, enroscados pelos candelabros. Havia azevinho vermelho e hera verde em volta dos retratos na parede. Hera e azevinho para ele e para o Natal.

Gostoso...

Todo mundo. Bem-vindo, Stephen! Grita de boas-vindas. A mãe dele lhe deu um beijo. Era certo isso? O pai dele agora era marechal: mais que magistrado. Bem-vindo, Stephen!

Grita...

Veio um ruído de aros de cortina que corriam pelas varas, de água espirrando das bacias. Veio um ruído de gente que levantava e se vestia e se lavava no dormitório: um ruído de bater de palmas conforme o bedel ia e vinha dizendo para os alunos se aviarem. A pálida luz do sol mostrava as cortinas amarelas recolhidas, as camas desfeitas. A cama dele estava muito quente e o rosto e o corpo dele estavam muito quentes.

Ele levantou e sentou na beira da cama. Estava fraco. Tentou calçar a meia. Estava horrorosa de áspera. A luz do sol estava esquisita e estava fria.

Fleming disse:

— Você não está bom?

Ele não sabia; e Fleming disse:

— Volta já pra cama. Eu vou dizer pro McGlade que você não está bom.

— Ele está doente.

— Quem que está?

— Vai lá dizer pro McGlade.

— Volta pra cama.

— Ele está doente?

Um aluno segurou-lhe os braços enquanto ele soltava a meia presa no pé e voltava para a cama quente.

Ele se encolheu entre os lençóis, contente com sua tépida irradiação. Ouviu os alunos conversarem a seu respeito enquanto se vestiam para a missa. Foi uma coisa feia, dar um encontrão nele para ele cair na vala, eles estavam dizendo.

Aí as vozes deles sumiram; tinham ido embora. Uma voz ao lado da cama disse:

— Dedalus, você não vai dar com a língua nos dentes pra cima de mim, né?

O rosto de Wells estava ali. Ele olhou para aquele rosto e viu que Wells estava com medo.

— Não foi de propósito. Tá bom?

O pai dele tinha lhe dito para, acima de tudo, nunca dedurar um colega. Ele sacudiu a cabeça e disse que não e se sentiu satisfeito. Wells disse:

— Não foi de propósito, palavra de honra. Foi só de brincadeira. Eu lamento muito.

A voz e o rosto foram embora. Lamentava porque estava com medo. Com medo de ser alguma doença. Cancro era uma doença de plantas, e câncer, de animais: ou outra diferente. Isso foi há muito tempo quando lá no gramado com a luz do fim do dia, dando corridinhas curtas pelas bordas da sua linha, um pássaro pesado voando baixo em meio à luz cinzenta. A abadia de Leicester toda iluminada. Wolsey morreu ali. Os próprios abades o enterraram.

Não era o rosto de Wells, era o do bedel. Ele não estava de cena. Não, não: estava doente de verdade. Não estava de cena. E sentiu a mão do bedel na testa; e sentiu a testa quente e úmida contra a mão fria e úmida do bedel. Era assim um rato, nojento e úmido e frio. Todo rato tinha dois olhos para ver. Pelo liso e nojento, pezinhos encolhidos para saltar, olhos pretos nojentos para ver. Eles podiam até entender de pulo. Mas a mente dos ratos não entendia tri-

gonometria. Quando estavam mortos eles ficavam de lado. Aí o pelo secava. E eram só coisas mortas.

O bedel estava ali de novo e era a sua voz que dizia para ele levantar, que o padre ministro* tinha dito que era para ele levantar e se vestir e ir para a enfermaria. E enquanto ele se vestia o mais rápido que pôde, o bedel disse:

— O mocinho precisa ir correndo ver o irmão Michael porque está com dodói! Que coisa horrorosa ficar dodói! Como dodói a dodor do dodói!

Foi bem simpático da parte dele dizer aquilo. Era só para ele rir. Mas ele não conseguia rir porque as bochechas e a boca lhe tremiam todas: e aí o bedel teve que rir sozinho.

O bedel exclamava:

— Acelerado! Pé com palha! Pé sem palha!

Desceram juntos a escadaria e percorreram o corredor e passaram pelo banheiro. Quando passou pela porta, ele lembrou com um vago temor a água estagnada quente cor de turfa, o ar quente e úmido, o barulho dos desentupidores, o cheiro das toalhas, que parecia de remédio.

O irmão Michael estava parado na porta da enfermaria e da porta do armário escuro à sua direita vinha um cheiro que parecia de remédio. Que vinha dos frascos nas prateleiras. O bedel falou com o irmão Michael e o irmão Michael respondeu e chamou o bedel de senhor. Ele tinha cabelo arruivado meio grisalho e uma cara esquisita. Era esquisito ele ficar irmão para sempre. Era esquisito também você não poder chamá-lo de senhor porque ele era irmão e tinha outra aparência. Ele não era santo o suficiente ou por que não conseguia alcançar os outros?

Tinha duas camas ali e em uma estava um aluno: e quando eles entraram ele cumprimentou:

— Oi! É o jovem Dedalus! O que houve?

— O ouvido ouve — o irmão Michael disse.

* O padre ministro era um padre vice-reitor do colégio.

Era um aluno da terceira de gramática e, enquanto Stephen tirava a roupa, ele pediu para o irmão Michael lhe trazer um prato de torradas com manteiga.

— Ah, por favor! — ele disse.

— Você pare de me torrar! — disse o irmão Michael. — Você vai receber alta de manhã quando o médico chegar.

— É mesmo? — o aluno disse. — Eu ainda não estou bom.

O irmão Michael repetiu:

— Você vai receber alta, ouça o que eu te digo.

Ele se abaixou para reavivar o fogo. Tinha costas compridas que nem as costas de um cavalo de bonde. Sacudia o atiçador compenetrado e fazia que sim com a cabeça para o aluno da terceira de gramática.

Aí o irmão Michael saiu e depois de um tempo o aluno da terceira de gramática se virou para a parede e caiu no sono.

Aquilo era a enfermaria. Ele estava doente, então. Será que tinham escrito para casa para avisar a mãe e o pai dele? Mas ia ser mais rápido mandar um dos padres lá avisar. Ou ele podia escrever uma carta para o padre levar.

Querida Mamãe,

Eu estou doente. Quero ir para casa. Por favor venha me levar para casa. Eu estou na enfermaria.

*Seu filho querido,
Stephen*